

4 A forclusão do impossível na psicose

4.1 O forclusivo

A fonte da qual Lacan teria extraído a palavra forclusão para o seu uso na teoria das psicoses é assunto controverso. Rabinovitch (2001) afirma que a palavra forclusão vem do campo jurídico e significa a privação de uma faculdade ou de um direito que, por não terem sido executados no tempo devido, se tornaram obsoletos. Porém, antes de ficarem restritas ao uso jurídico, estas expressões no francês – língua materna de Lacan, significavam “excluir, privar, expulsar, impedir, banir, omitir, cortar” e até mesmo “prender do lado de fora, fechar no exterior, jogar fora, rejeitar”¹. Assim, forcluir significava expulsar, banir para todo o sempre algo ou alguém de um espaço sem que isso que foi rejeitado deixasse qualquer vestígio, qualquer rastro da sua existência.

Porém, esta é uma referência que não encontramos na obra de Lacan que, ao tratar do termo forclusão (Lacan, 1959)², refere-se ao seu uso na língua francesa citando os gramáticos Demourette e Pichon. Estes, ao estudarem o funcionamento e o emprego da negação na língua francesa, isolam nela os elementos forclusivos dessa língua concluindo que o uso das palavras como *jamais* e *plus*, dentre outras, expulsa a ação ou idéia em questão do campo do que é possível. Desta forma, o que foi afetado pelo forclusivo não se encontraria como uma alternativa possível para locutor.

Tomemos um dos exemplos trazido por Arrivé: “Je suis très *contrariée* que vous ayez *jamais* entendu parler d’elle”³. Nesta frase a palavra *jamais* vem sinalizar a contrariedade do locutor diante do fato de que se tenha ouvido falar sobre determinada pessoa. Nas palavras de Demourette e Pichon (*apud* Arrivé, 1999:135) “[...] O arrependimento é o desejo de que a coisa passada, logo irreparável, nunca tivesse

¹ Compilação de termos feita por Rabinovitch em “A forclusão: presos do lado de fora” (2001).

² Principalmente nas aulas 5 e 6 do seminário.

³ Na tradução literal: “Estou muito contrariada por você ter nunca ouvido falar dela”.

existido; a língua francesa, pelo foraclusivo, exprime esse desejo de escotomização [...]”. Vejamos que se trata de uma operação distinta da discordância⁴, afinal o foraclusivo não vem para desmentir ou protestar contra uma idéia que lá está. Trata-se, em verdade, de exprimir através de uma operação da linguagem a expulsão de tal conteúdo.

Por isso Michel Arrivé defende que Lacan bebeu da fonte de Demourette e Pichon em suas obras sobre lingüística e gramática, lançando mão de uma operação própria à linguagem para dizer do inconsciente⁵. Porém, como vimos em Rabinovicht, é mais usual atribuir a origem do termo foraclusão ao campo jurídico e nenhum dos principais comentadores de Lacan até Arrivé, tinha feito esta ponte com a lingüística⁶.

Visto que *Verwerfung* e foraclusão ganharam destaque na obra de Lacan e de Freud ao serem designados como modo de defesa próprio da psicose, nos detenhamos sobre a noção de foraclusão nas obras desses autores, isolando o que este mecanismo tem de peculiar quando comparado aos outros ditos mecanismos de defesa destacados por eles.

4.2 ***Verwerfung* e foraclusão**

Na análise dos quadros clínicos de seus pacientes, Freud mostra uma preocupação em alcançar a etiologia destes quadros e, nesse percurso, agrupa a histeria, a obsessão e as confusões alucinatórias agudas sob o nome de “neuropsicoses de defesa” (Freud, 1894). Esses quadros seriam passíveis de pertencerem a um mesmo conjunto, apesar da disparidade entre as suas manifestações psicopatológicas, porque tais quadros possuem em comum o fato dos seus sintomas emergirem a partir de um mecanismo psíquico de defesa, ou seja, surgiram como uma tentativa de eliminação de uma representação incompatível que se opunha ao *eu*. Freud (Ibid.: 55) observa que o sujeito parecia saudável até que se deparou com uma “ocorrência de incompatibilidade em sua vida representativa”, isto é, o seu *eu* se confrontou com uma experiência, uma representação ou sentimento que suscitou um afeto tão aflitivo que o sujeito decide “‘expulsar aquilo pra longe’, não pensar no assunto, suprimi-lo” (loc. cit.). Isso que foi posto de fora não é intolerável em si mesmo, mas era incompatível com o *eu*, com a estrutura erguida na constituição do sujeito, parafraseando Lacan, com a cadeia simbólica em curso nesse sujeito (Lacan,

⁴ Sobre a discordância e o discordancial ver Arrivé, 1999: 131-134; e Lacan [1959-60]: 83.

⁵ Lacan assim o faz por observar que o inconsciente se estrutura como uma linguagem, como pudemos afirmar no primeiro capítulo.

⁶ Disso Arrivé (1999: 145) conclui que a origem do termo foraclusão foi foracluída.

[1955-56]: 101). Trata-se de uma questão de compatibilidade que, em caso de incoerência interna entre a representação e a constituição subjetiva, termina por sacrificar o que é impossível de ser incluído na segunda. Há formas distintas de fazê-lo: *Verneinung*, *Verwerfung* e *Verneignung* – recalque, rejeição e denegação, respectivamente. Sobre *Verwerfung*, ou rejeição, Freud (1894: 64) afirma que ela seria

[...] uma espécie de defesa muito mais poderosa e bem-sucedida. Nela o eu rejeita a representação incompatível juntamente com seu afeto e se comporta como se a representação jamais lhe tivesse ocorrido. Mas a partir do momento em que isso é conseguido, o sujeito fica numa psicose que só pode ser qualificada como ‘confusão alucinatória’. [...] Portanto é justificável dizer que o eu rechaçou a representação incompatível através de uma fuga para a psicose.

Chama a atenção nesse fragmento do texto de Freud o destaque dado por ele à radicalidade do mecanismo abordado. Dizer que a partir da *Verwerfung* não há registro algum da representação diferencia este mecanismo dos demais por imprimir na representação rejeitada o status de inexistência, enquanto que em *Verneinung* – o recalque, a representação seria somente negligenciada, ignorada. Mas, se recalque e forclusão – *Verneinung* e *Verwerfung*, são mecanismos distintos, começaremos por distinguir *Bejahung* e *Verwerfung* por serem mecanismos opostos.

Vimos que Freud pôde observar que, diante do que ele chamou de representação incompatível, o sujeito lança mão de determinado modo de defesa e que isso determina a apresentação dos sintomas de cada quadro clínico. Lacan também se dedica a essa questão retomando momentos primordiais da constituição do sujeito visando esclarecer o que determina a entrada deste e não de outro mecanismo de defesa em ação. O último fala de um primeiro tempo anterior à constituição do sujeito onde o interno e o externo em relação ao *eu* não se diferenciam. O que é da ordem do estranho ao *eu*, assim como o que é do campo do *eu*, só se distinguem através da *Ausstossung*⁷ - operação lógica através da qual algo passa a ser experimentado como externo ao sujeito. Trata-se da expulsão primária para fora do sujeito do que se constitui, desde essa extrusão, como real “na medida em que ele é o domínio do que subsiste fora da simbolização” (Lacan 1954: 390). Nesse processo de construção do sujeito há também *Bejahung* como a contrapartida desta expulsão, como operação que simboliza aquilo que não foi excluído pela *Ausstossung*.

A essa ocasião de introdução à dimensão simbólica, que “deve ser concebida como um momento mítico mais do que como um momento genético”, Lacan (1954:

⁷ Expulsão em alemão.

384 et. seq.) chama *Bejahung* enquanto que o oposto disso, a não-existência dessa introdução seria *Verwerfung*.

Dialogando com Hyppolite, Lacan (Ibid.: 384) esclarece que, mesmo que estejamos falando aqui de expulsão e simbolização de algo, não estamos tratando aqui da constituição da relação do sujeito com o objeto, do sujeito com o mundo, mas sim da relação do sujeito com o ser. Trata-se da relação do sujeito com o que chamamos de impossível no primeiro capítulo, com o seu ponto cego. *Verwerfung* ou *Bejahung* não operam sobre um objeto que se encontra fora do sujeito, mas sobre algo que o concerne e que o constitui. O que está em questão não é um objeto, mas a própria relação do sujeito com a linguagem.

A *Verwerfung*, portanto, corta pela raiz qualquer manifestação da ordem simbólica, isto é, *Bejahung* que Freud anuncia como o processo primário em que o juízo atributivo se enraíza, e que não é outra coisa senão a condição primordial para que, do real, alguma coisa venha se oferecer à revelação do ser. (Lacan, 1954: 389)

Se vínhamos a partir de Freud chamando isso que sofre *Bejahung* ou *Verwerfung* de representação incompatível ou desagradável, Lacan especifica o que está em jogo nessas operações indicando que se trata de um “significante primordial”. Analisemos a expressão “significante primordial” na intenção de tornar claro que se trata de um significante e não de um significado, de um sentido. “Significante” aqui marca que se trata de um furo, de “um lugar vazio” (Lacan, [1962-63]: 79)⁸ que é tido como “primordial”⁹ por ser ele que abre as portas para o acesso ao significante tal como vimos no primeiro capítulo, ou seja, portando um descompasso estrutural. É o vazio da linguagem, esse desencaixe entre significante e significado que é recalcado ou foracluído, ficando excluída também a chance de que esse vazio se apresente de “forma simbólica”, como intervalo, com contorno, bem disciplinado, como veremos à diante no sintoma neurótico¹⁰.

Pensar desta forma desfaz o mal-entendido de que os significantes estariam dados naturalmente ao sujeito e a *Verwerfung* implicaria na retirada de um deles, recolocando o efeito da foraclusão como “abolição simbólica” (Lacan, 1954: 388). Se houve *Bejahung*, quando algo se contrapõe em relação ao *eu*, isso tem a possibilidade

⁸ Vamos nos deter sobre esse significante primordial quando abordarmos a definição do Nome-do-Pai como um vazio ainda neste capítulo.

⁹ Ainda neste capítulo veremos que Lacan nomeou este significante primordial como Nome-do-Pai e o relacionou à crença.

¹⁰ Estamos nos referindo à noção de “simbólico” que em Lacan poderia ser entendido como uma estrutura ordenada em metáfora e metonímia, norteadas pelo Pai simbólico. Abordaremos esta noção ainda neste capítulo quando expusermos o Nome-do-Pai como a grande estrada, ou estrada principal.

de sofrer simbolização e ser tratado no nível do recalque¹¹, em caso de *Verwerfung* essa possibilidade é vedada.

Porém, afirmar que esta hiância sofreu o recalque não significa que ela deixou de ter seus efeitos, que ela simplesmente deixou de existir. A incidência do recalque só faz com que esse vazio tenha que se manifestar de um modo indireto, por alusão, e nisso consiste o sintoma neurose: remeter, fazer lembrar o recalcado. Já quando o mecanismo em ação foi *Verwerfung* tudo se encaminha de forma distinta. A partir deste momento primordial em que *Bejahung* ou *Verwerfung* se instaurou em diante os significantes que se apresentarem como conflitantes sofrerão ou *Verneinung* ou *Verwerfung*, dependendo do que operou no momento anterior.

Tratar da lacuna da linguagem através de *Verneinung* instalaria o sujeito em uma posição neurótica e desencadearia um quadro psicopatológico condizente com tal posição. Distinguindo o que seria próprio dos quadros neuróticos, Freud (1924: 168) esclarece que na etiologia desses quadros observamos uma tentativa de defesa do *eu* diante de uma força do *isso*. Mesmo que essa exigência pulsional sofra *Verneinung*, o *eu* não consegue dar cabo de se defender por completo dessa ruptura e de tratar dela como “*non-arrivé*” (Id., 1894:56). Essa exigência do *isso* resiste ao recalque e insiste em se fazer representar, em se tornar consciente, tendo algum sucesso nisso através do sintoma. Disso surge o sintoma nas neuroses, ou seja, como uma via possível de expressão daquilo que foi originalmente negligenciado da esfera psíquica, como “confissão do próprio significante que ela (*Verneinung*) anula” (Lacan 1958:564). É uma parte do *isso*, da realidade psíquica que, ao ser sacrificada através de *Verneinung*, pode retornar exigindo ser lembrada em uma outra língua – o sintoma, que “desempenha o papel da língua que permite exprimir o recalque” (Id., [1955-56]: 74).

Parafraseando Freud (1894:56), a saída possível para o neurótico é a transformação dessa representação incômoda e poderosa em uma representação fraca retirando-lhe o afeto – a soma de excitação - do qual está carregada. A representação que antes causava desconforto se torna inócua, mas para isso é preciso que se dê outro destino à soma de excitação agora desvinculada. Na histeria a soma de excitação é encaminhada para o campo somático, daí o nome proposto por Freud (1894: 59) para esses quadros: histeria de conversão; enquanto que na neurose

¹¹ Vale esclarecer que *Bejahung* abre a possibilidade de instauração do recalque, mas este não é um caminho necessário. Dito de outra forma, a *Bejahung* não é uma exclusividade da neurose, mas em todo neurótico houve *Bejahung*.

obsessiva o afeto permanece na esfera psíquica, ligando-se sucessivamente a outras representações que se transformam em representações obsessivas. Dessa forma o *eu* é aliviado da contradição com a qual é confrontado, mas o faz se sobrecarregando com um símbolo mnêmico que se aloja na consciência, como uma espécie de parasita, na forma de um sintoma. Na neurose

[...] o camarada, em vez de se servir das palavras, se serve de tudo o que está à disposição, ele esvazia os bolsos, endireita as calças, coloca aí as suas funções, as suas inibições, entra direitinho no jogo, ele mesmo se passa pra trás com isso, com o significante, é ele que se torna o significante. Seu real, ou seu imaginário entra no discurso. (Lacan, [1955-56]: 179)

Já podemos observar que se a *Verneinung* rechaça a representação desagradável, esta, por sua vez, não deixa “[...] de correr por debaixo, a exprimir as suas exigências, de fazer valer a sua dívida, e isso, por intermédio do sintoma neurótico. É nisso que o recalque é do âmbito da neurose” (Lacan, [1955-56]: 101). Porém, nas neuroses essa representação que sofre a *Verneinung* é possível de funcionar como formação de compromisso, ou seja, ela é passível de ser remetida ao recalcado, ainda que ela satisfaça também a ação recaladora. Isso se deve à *Bejahung* que torna o sintoma neurótico possível de ser remetido ao recalcado e, por conta disso, ser plausível de ser reencontrado na história do sujeito, de ser localizado pelo sujeito como lhe pertencendo.

4.3

Da foraclusão ao retorno no real

O que sofreu *Verwerfung* vai se manifestar no real. Disso devemos primeiramente entender que a operação da foraclusão é lógica e não cronológica e que isso implica que o foracluído reaparece como retorno no real e não que algo fica de fora para *depois* retornar. Trata-se de um retorno de outra natureza e não em outro tempo.

Abordemos o retorno no real que caracteriza a *Verwerfung* voltando a uma comparação disso na *Bejahung*. Vimos que quando houve *Bejahung*, o significante que por ventura apresentar-se diante do sujeito como um elemento dissonante em relação a sua cadeia significante, ao ser rechaçado tem a possibilidade de ser expresso¹², ao mesmo tempo em que se abre a possibilidade do sujeito dar conta

¹² Freud (1895: 403) afirma que na histérica o sintoma é uma formação simbólica e explica o sentido dessa afirmação esclarecendo que o sintoma é algo que aparece no lugar de outra coisa. Mais tarde Freud (1924: 209) volta a se referir ao termo simbólico, ao falar do fragmento expulso, quer na neurose quer na psicose, que retorna ganhando uma importância maior por remeter a um significado secreto, implícito. Esse entendimento do sintoma como simbólico em Freud está em consonância com Lacan, que escolhe a

dentro do recalque mesmo desse 'intruso'. No caso da *Verwerfung* isso não é possível, pois, por não ter havido *Bejahung*, está impossibilitada a articulação segundo a norma da estrutura paterna, pois isso que foi suprimido da *Bejahung* do sujeito constitui "aquilo que não existe propriamente; e é como tal que ek-siste, pois nada existe senão sobre um suposto fundo de ausência" (Lacan, 1954: 394). Se não houve *Bejahung*, mas *Verwerfung*, esta ausência não pode funcionar como suporte o que implica que isto que foi foracluído não existe. Mas como a foraclusão da hiância estrutural da linguagem determina o modo de retorno na foraclusão? Tomemos a alucinação como fenômeno que nos esclarece sobre o retorno do foracluído.

Lacan (1958: 540) retoma a situação da paciente que escuta a injúria "Porca!" evitando resvalar para uma explicação romanceada que privilegiasse a história da paciente. O autor escolhe, não sem motivos, chamar a atenção para a frase insuspeita que no relato da paciente antecedeu a ofensa alucinada: "Eu venho do salsicheiro...". Notemos que a frase é interrompida e que é após dela que irrompe a alucinação.

Se a frase era alusiva, oscilante quanto ao seu caráter conjuratório e indeterminada quanto ao destinatário; a entrada do xingamento "Porca!" pôs fim a essa incerteza, inviabilizando o vislumbre do local da emissão do significante.

Podemos observar que a frase se interrompe no ponto onde termina o grupo de palavras que poderíamos chamar de termos-índice, isto é, aqueles cuja função no significante é designada, [...] ou seja, precisamente os termos que, no código, indicam a posição do sujeito a partir da própria mensagem. (Lacan, 1958: 546)

Por ser impossível que o sujeito psicótico se posicione como furo diante de sua mensagem isso fica elidido, a cadeia rompe e ele recebe de fora a mensagem de maneira direta, sem brecha que possibilite uma leitura de sujeito como furo. Na neurose o sujeito é, como vimos, um furo enquanto que o psicótico arca com as consequências por não se estruturar da mesma forma. (Vieira: 2008b, 97)

O que retorna na psicose não é legível porque não vem em um intervalo entre dois significantes, mas sim do engessamento deles, não é "simbólico" e não tem como ser retomado pelo sujeito tal como na neurose porque sobre isso não foi formulado nenhum juízo de existência, porque o "[...]" que o sujeito assim suprimiu (*verworfen*) da abertura para o ser, dizíamos, não será reencontrado em sua história, se designamos por esse nome o lugar onde o recalcado vem a reaparecer" (Lacan, 1954:390). E, por

palavra "deslocamento" (2005a: 20 et. seq.) para dizer desse processo em que algo vem no lugar de outra coisa.

não ser passível de reconhecimento, leitura ou dialetização, o retorno do que foi foracuído retorna colorido pelos tons da certeza. “Porca!” é uma certeza, algo que vai se repetir sem que uma leitura ou apropriação disso se dê.

Na irrupção no real caracterizada por Lacan ([1955-56]: 103) nesse exemplo, algo desconhecido até então irrompe no real provocando estranheza e um verdadeiro remanejamento do mundo para que algum sujeito, a posteriori possa dar conta disso que apareceu. Veremos de que forma costuma ser isso que chamamos de remanejamento do mundo pelo psicótico quando nos detivermos sobre o delírio.

O que se apresenta também não se submete à defesa, exige um trabalho de ‘adaptação’ pelo sujeito disso que voltou. Em suas notas sobre o caso Schreber, Freud ([1911-1913]: 32) observa que antes da eclosão do quadro agudo, o paciente relata ter pensado que deveria ser bom ser mulher e submeter-se ao ato da cópula. Com o decorrer do tempo surgiram os fenômenos alucinatorios nos quais vozes zombavam do paciente chamando-o de “Miss Schreber” dentre outras alucinações que tratavam de alojá-lo em uma posição feminina. Em seguida surge a idéia de emasculação com fins superiores e Freud lê essa seqüência como uma tentativa de reconciliação através da representação “ser mulher”. Tendo sido transformada em uma tarefa divina, transformar-se em mulher tornou-se uma designação mais aceitável, mais adaptada ao *eu* em termos freudianos. As representações das quais o delírio se origina chegam até a consciência e, como elas não são flexíveis, o *eu* se molda de maneira a ficar mais harmonioso com elas.

Esse caso extensamente abordado por Freud torna possível ilustrar que quando ocorre *Verwerfung* o retorno do que foi suprimido não se faz como que remetendo a algo, como representando um conteúdo porque este, como vimos anteriormente, não sofreu *Bejahung* e, portanto, nunca chegou a existir para o sujeito. Este retorno se dá “vindo desde fora” (Freud, 1911: 78) porque não há existência do que foi foracuído para o sujeito. Aproximando a noção de foracusão em Demourette e Pichon da de Lacan temos que se numa oração há uma idéia que é “expulsa do campo das possibilidades percebidas pelo locutor” (Arrivé, 1999:152), em Lacan o que sofreria essa expulsão seria um significante. Mas, que significante é este foracuído na psicose? Já vimos que ele é tido como um significante primordial e Lacan ([1955-56]: 321) o assemelha à “estrada principal”¹³ por ser o significante que, quando em falta, produz um buraco na cadeia que ameaça todo o edifício (Ibid.: 102) - o significante do

¹³ “la grand’ route” no original em francês.

Nome-do-Pai. Sobre o Nome-do-Pai, a sua função e os efeitos de sua forclusão na psicose discutiremos à frente ainda neste capítulo.

Diante do retorno disso que foi rejeitado o sujeito

[...] por não poder fazer uma mediação simbólica qualquer entre o que é o novo e ele próprio, entra em outro modo de mediação, completamente diferente do primeiro, substituindo a mediação simbólica por um formigamento, por uma proliferação imaginária, nos quais se introduz, de maneira deformada, e profundamente a-simbólica, o sinal central de uma mediação possível. (Lacan, [1955-56]: 104)

No que consiste essa mediação imaginária a que Lacan se refere no excerto acima? Vejamos essa questão a partir do delírio. Frente ao retorno do que foi foracluído primeiramente o *eu* seria arrastado para longe da realidade e, num momento posterior, poderia suceder uma tentativa de reparo deste distanciamento (Freud, 1924: 206). Entretanto, dizer que há uma tentativa posterior de retomada da relação com a realidade não significa de modo algum o retorno e a submissão ao mundo externo. Nesse caso o que observamos é a reconstrução da relação do sujeito com o mundo externo através da construção de uma outra realidade, de um novo mundo “(...) não mais esplêndido, é verdade, mas pelo menos de maneira a poder viver nele mais uma vez. Constrói-o com o trabalho de seus delírios” (Freud, [1911-13]: 94).

Este novo mundo delirantemente inventado “(...) como um remendo no lugar em que originalmente uma fenda apareceu na relação do *eu* com o mundo externo” (Freud, 1924: 169)¹⁴ passa a receber todo investimento libidinal, enquanto o mundo externo deixa de ter relevância para o sujeito. Este elemento clínico é comumente observado na esquizofrenia¹⁵, nas quais é comum que os pacientes progressivamente desinvistam afetivamente do mundo que os cercam, afastando paulatinamente a libido da realidade externa (Id., [1911-13]: 83), submetendo-se às representações psíquicas em detrimento da realidade.

Este é um dos grandes avanços ofertados por Freud à teoria da psicose: entender que o delírio, mais do que um elemento psicopatológico, é uma tentativa de restabelecimento da relação com o mundo, uma tentativa de cura ou

¹⁴ Ao retomar este fragmento da teoria freudiana das psicoses, Lacan ([1955-56]: 180) entende que, ao localizar o buraco na ‘realidade’, Freud abordava o que ele veio considerar uma deficiência, uma falha no simbólico. Essa falha no simbólico que Lacan aborda no seu seminário sobre as psicoses deve ser lida à luz posterior da definição de simbólico como furo. É porque esse furo falta que o psicótico precisa do trabalho do delírio.

¹⁵ Freud ([1911-13]: 83) se refere a Abraham no que ele demonstra sobre o afastamento da libido do mundo externo nos casos de demência precoce.

“restabelecimento, um processo de reconstrução” (Id., 1911:78). O delírio é uma tentativa de harmonização com o que irrompe como totalmente estranho, como uma resposta a posteriori na deflagração do quadro psicótico. Lacan deu um destino célebre a isso, mas nós, no presente, estamos mais interessados no lugar do furo.

Dizer que, a reação diante disso que é totalmente estranho ao sujeito, ainda que isso lhe pertença, se passa num outro registro que não o simbólico, significa que ele não carrega um furo em sua constituição e que é, portanto, de natureza imaginária. Por pertencer a este campo onde reina a unidade a consistência, o centro e a significação, o delírio se faz a partir destas características constituindo-se como uma edificação sólida, totalitária e fixa¹⁶.

Se a forclusão do Nome-do-Pai tem como uma conseqüência possível a construção de uma estrutura bem acaba, firme, total e sem furos podemos supor que há alguma relação desse significante com a manutenção da hiância que encontramos na estrutura da linguagem. Detenhamo-nos sobre esse ponto.

4.4

O Nome-do-Pai e sua incidência sobre o impossível

Tendo avançado pela forclusão na psicose, é oportuno que nos detenhamos sobre a função do Nome-do-Pai, com o foco em sua ação sobre o impossível, sobre essa falta estrutural da linguagem, para em seguida notar os efeitos de sua falta na psicose. Dizer que o Nome-do-Pai sustenta um vazio já é um passo à diante, portanto é preciso retroceder e justificar essa afirmação para seguirmos em frente.

Voltemos à operação de linguagem fundante para o sujeito que se dá no interior da relação pai-mãe-criança, isto é, ao chamado complexo de Édipo. Em um momento logicamente anterior a criança se encontra numa relação de completude imaginária com a mãe onde o que está em jogo é ser o falo para esta mãe. Essa relação imaginária e incestuosa guarda o seu valor, mas pode ser que em algum momento um terceiro se interponha nessa relação desestabilizando esse par coeso e mortífero (Lacan, [1955-56]: 114).

A esse terceiro chamamos pai e a sua interferência constrói uma relação triangular pai-mãe-criança na qual o pai ali está para representar o falo, para exercer a sua função de metáfora. Expor que o pai é uma metáfora nos leva a retomar a fórmula

¹⁶ Agradeço às contribuições de Marcus André Vieira em seu seminário “A presença do Outro”, ministrado na EBP seção Rio durante o ano de 2009 no que diz respeito ao entendimento do caráter imaginário do delírio aplicado neste parágrafo.

da metáfora para abordar com o merecido rigor o que isso denota. Sobre a fórmula da metáfora, especificamente no que dela está em jogo nesse tema, Lacan (1958: 563) diz: "isso se aplica, assim, à metáfora do Nome-do-Pai, ou seja, à metáfora que coloca esse Nome em substituição ao lugar primeiramente simbolizado pela operação da ausência da mãe". Então o pai substitui, entra no lugar das ausências da mãe como algo a que ela se dirige em vez de se dirigir à criança.

A partir do mito do Édipo, Freud concebe o pai como aquele que proíbe o gozo do filho e acarreta a renúncia das pulsões. Em contraposição a esse pai que diz *não*, em Lacan, além de *não*, o pai é aquele que diz *sim*, é um pai doador (Mazzuca: 2005). A intromissão de algo que interrompa o gozo deve ser entendida como algo libertador, afinal um gozo infinito, sem pausa está mais associado ao pesadelo do que ao prazer (Vieira, 2008b: 96)¹⁷.

Ao entender a relação mãe e filho como uma relação que aprisiona a criança ao desejo da mãe, a metáfora paterna passa a ter a função de abalar essa relação e, ao fazê-lo termina por abrir outras vias de satisfação que não essa alienante e mortífera. Desta forma, o pai em Lacan tem efeito de regulação sobre o gozo o que significa que, muito mais do que o pai freudiano que proíbe, o pai lacaniano é o que dá lugar à particularidade do desejo do sujeito sintonizando-o à lei do simbólico (Mazzoti: 2005). Mas estejamos atentos mais à operação de linguagem que está em cena e menos ao drama - ou romance - familiar que reveste essa operação.

Se pudemos reconhecer a existência do vazio, de um impossível na estrutura da linguagem no decorrer do primeiro capítulo, agora podemos afirmar que este vazio, a partir do complexo de Édipo, é relacionado ao Pai (Vieira, 2008b: 161). Essa mãe que não está presente, isso de mim que falta é vinculado ao Pai, mas essa ligação entre o vazio e o Nome-do-Pai não implica no fim desse furo, muito menos na eliminação ou obturação do impossível, pelo contrário, este ponto inapreensível se mantém e passa a se apresentar por ganhar contorno, localização (Lacan, [1962-63]: 79).

Desde a entrada do Nome-do-Pai nesse furo esse vazio deixa de ser furo generalizado, em qualquer lugar e passa a ter endereço certo. Lacan faz muitas menções ao contorno dado pelo Nome-do-Pai ao impossível e uma delas está na aula "Ponto de basta" do seu terceiro seminário, na qual ele se detém extensamente sobre o temor a Deus através de fragmentos de textos de diversas culturas. Desta forma ele chega à conclusão de que este medo não é "natural" e não faz parte de um repertório

¹⁷ Quando tocarmos na psicose essas reflexões sobre finitude ou a infinitude do gozo serão retomadas

biológico, mas de que ele foi inventado por conta da necessidade do homem de apaziguar o terror de um mundo composto de inúmeros e imprevisíveis terrores. Substituindo os vários perigos que o mundo oferecia, o temor a um Deus funciona como ponto de basta, como significante em torno do qual tudo se organiza, como ponto de convergência.

Por que esse esquema mínimo da experiência humana (o esquema do ponto de basta), que Freud nos deu no complexo de Édipo, conserva para nós seu valor irreduzível e no entanto enigmático? [...] – se não é porque a noção do pai, muito próxima daquela do temor a Deus, lhe dá o elemento mais sensível na experiência do que chamei o ponto de basta entre o significante e o significado. (Lacan, [1955-56]: 303)

O temor a deus, tal como o Nome-do-Pai localiza o furo, põe fim ao “tudo é possível” e estabelece um leque de possibilidades, pois os terrores múltiplos do mundo estariam sob a regulação deste ser “que não pode, afinal de contas, exercer suas sevícias senão pelos males que estão aí, multiplamente presentes, na vida humana” (Lacan, [1955-56]: 302). Desta forma, Deus e o Pai, para além da aparência castradora que é mais usualmente evocada, possuem um caráter organizador e regulador da existência.

O ponto de basta é a palavra temor, com todas essas conotações trans-significativas. Em torno desse significante, tudo se irradia e tudo se organiza, como nessas linhas de forças formadas à superfície de uma trama pelo ponto de basta. É o ponto de convergência que permite situar retroativa e prospectivamente tudo o que se passa nesse discurso. (Lacan, [1955-56]: 303)

Essa expressão *ponto de convergência* nos interessa por remeter à organização daquilo que é caótico, disperso. Nesse sentido já vimos também a expressão ‘estrada principal’ (Ibid.: 329) como via em torno da qual as habitações, estâncias se aglutinam.

Trazer expressões tais como “estrada principal” ou fazer alusão ao temor a Deus possibilita lembrar que o Nome-do-Pai está para além do pai real, do pai da família ou de qualquer outro personagem que encarne a função; e que este conceito nos informa precisamente sobre uma operação de linguagem. É nisso que Lacan parece insistir quando ele retoma os estudos freudianos contidos em “Totem e Tabu” sublinhando a diferença existente entre copular (gerando um filho) e procriar. A atribuição do nascimento de uma criança a determinada pedra ou animal do totem não significa que as mulheres e os homens da tribo desconhecem a ligação entre o ato sexual e a gestação, mas sim que copular com a mulher de modo algum faz do homem *ser pai*, no sentido de procriar. O que faz liga entre o nascimento da criança e o seu genitor não é da ordem do saber, nem da observação, mas sim uma questão de fé, de crença:

"é justamente isso que demonstra que a atribuição da procriação ao pai só pode ser efeito de um significante puro, de um reconhecimento, não do pai real, mas daquilo que a religião nos ensinou a invocar como o Nome-do-Pai" (Lacan, 1958: 562). Ser pai é uma atribuição que é pautada pela tradição.

É essa crença na existência de um Outro organizador dos parâmetros do mundo que funciona como ponto de referência orientador, que garante que não estamos expostos a qualquer coisa a todo momento, que há leis no mundo e que não é possível trapacear. Esse ponto que não engana se estabelece como uma operação que é da ordem de um "ato de fé" (Id., [1955-56]: 79), que Freud contrapôs à *Unglauben*¹⁸ que marca a relação do sujeito paranóico, como veremos no sub-capítulo seguinte.

Assim, a função paterna contorna o *vazio como fé*, aposta de que há alguém que funciona como um elo que pode dar explicações sobre mim (Vieira, 2008b: 38), incidindo sobre o vazio sem lhe conferir consistência ou obturá-lo, mas sim lhe confeccionando bordas.

Para entendermos melhor o porquê dessa especificidade da intervenção do Nome-do-Pai sobre o furo, precisaremos retomar as reflexões sobre o que Freud cunhou como o umbigo dos sonhos. Vimos que ele é um ponto do sonho para onde convergem as associações sobre o sonho. Esse ponto resistiria à interpretação e elucidação, sendo considerado o ponto de contato com o desconhecido. Podemos perceber que na experiência clínica de Freud o paciente traz desdobramentos sobre o seu sonho quando, em um determinado trecho desse relato, as associações estancam (Ibid.: 55). Podemos notar que a operação lógica que Freud sublinha com relação ao umbigo dos sonhos – a função de convergir e de frear um fluxo, é semelhante à função do *ponto de basta* descrito por Lacan. Parecem, na verdade, diferentes desdobramentos, diferentes facetas da mesma operação lógica. Se dermos continuidade a essa linha de raciocínio em que umbigo dos sonhos e ponto de basta possuem a mesma natureza, podemos concluir que o ponto de basta é um vazio. Assim como o umbigo dos sonhos, o ponto de basta concentra as associações e as faz parar por ser um furo e isso caracteriza a intervenção do Nome-do-Pai sobre o sujeito.

¹⁸ Encontramos em Lacan ([1959-60]: 163) a discussão sobre a tradução mais pertinente para o termo *Unglauben*, contido no texto "O Futuro de uma Ilusão" de Freud, e a proposta de que, em vez de não-crença ou descrença, tratemos deste termo como ausência da crença. Essa proposta visa sublinhar que não se trata de que a crença tenha primeiramente existido e tenha sido recusada num segundo momento. Na verdade a indicação é de que a *Unglauben* é primária e a crença se daria através de uma operação que pode ou não acontecer, como veremos na psicose em que isso não há.

O Nome-do-Pai - como crença localiza esse furo sem que ele se torne palpável (Lacan, [1959-60]: 85) ou alcançável. O furo, com a incidência do Nome-do-Pai permanece como intangível porque o Nome-do-Pai é também um furo, e como inatingível porque o endereço deste significante é fugidio, sempre no infinito (Regnault, 2001). Já dissemos anteriormente que o Nome-do-Pai regula e organiza a existência e já podemos acrescentar a isso que ele o faz como um furo que incide sobre o furo e que, por conta disso, não erradica o imprevisto, não faz da existência algo sem vida.

4.5

O impossível e a sua forclusão na psicose

Fica claro o porquê de Lacan ter enfatizado em sua obra a importância do Nome-do-Pai - este significante que ordena o mundo. Para o sujeito psicótico, a metáfora paterna não pôde operar e ele não dispõe do Nome-do-pai para se situar na existência, pois o Nome-do-pai, como vimos anteriormente, está foracluído. Isso posto, devemos retomar as afirmações sobre o Nome-do-Pai como crença acompanhando a afirmação de Freud e Lacan de que não encontraríamos na posição do sujeito psicótico esta fé, mas sim *Unglauben*.

A inscrição do significante do Nome-do-Pai organiza o mundo garantindo a “verdade da realidade” (Lacan, [1955-56]: 81) - de tal forma que Einstein (*apud* Lacan, [1955-56]: 79) pôde afirmar que “Deus é malicioso, mas é honesto”. Isso significa que a sua carência na psicose proporciona a possibilidade de subversão das normas que regulam o mundo e até a sua total abolição.

Desta forma, esse ser primeiro que conferiria garantias ao real (Ibid.: 84) é um ser que não é confiável, que pode ser caprichoso. Isso se deve à ausência de um ponto de apoio orientador, à falta de crença nesse Outro que na neurose vemos presente. Na psicose essa representação de um Outro em que se crê está extinta porque a abertura que há entre dois significantes – abertura que patrocina essa crença; não está preservada pelo Nome-do-Pai como na neurose, mas sim solidificada, engessada. Ao falar da solidificação entre os significantes na psicose, Lacan afirma que

Essa solidez, esse apanhar a cadeia significante primitiva em massa, é o que proíbe a abertura dialética que se manifesta no fenômeno da crença. No fundo da paranóia, que nos parece no entanto toda animada de crença, reina esse fenômeno de *Unglauben*. (1964: 225)

Se o vazio encontra-se engessado na estrutura psicótica, vemos a impossibilidade de instauração do jogo dialético na cadeia significante e, conseqüentemente, da crença neste jogo. Temos um sujeito em que houve a “*Versagen des Glaubens*”¹⁹ (Id., [1959-60]: 71) e que se constitui sem crer em uma verdade que só possa se dar dentro de uma estrutura de ficção a partir da linguagem. No psicótico a função significante falhou: ele não crê nessa função e essa posição de descrença fica evidente na irrefutabilidade do delírio. Não se pode sequer entender que, na verdade, o psicótico crê em seu delírio. A relação do sujeito psicótico com o delírio não é da ordem da crença, não se articula como fé, mas sim como uma certeza, como uma relação na qual algo se apresenta para o sujeito e ele só pode se submeter a isso.

Mas, se vimos anteriormente que esta peça fundamental falta nas psicoses, como a vida desses indivíduos se organiza? Digo ‘organizar’ na intenção de seguir a orientação de Lacan de que a forclusão do Nome-do-Pai na psicose não deve ser entendida como déficit, até porque a noção de déficit não tem razão para estar mais associada à psicose do que a qualquer ser de linguagem, como vimos no primeiro capítulo. Se o Nome-do-Pai localiza o furo, devemos lembrar que essa localização, ainda que funcione como “um lugar de convergência, de síntese de tudo aquilo que pôde apresentar-se até então de tendências parciais” (Lacan, [1962-63]: 79), também não tem consistência, também é um “lugar vazio” (Lacan, loc. cit.).

Estamos todos constrangidos a dar o destino que nos for possível à hiância da linguagem²⁰, o que nos leva a encarar a psicose como outro modo peculiar de encaminhar isso, como solução singular que cada sujeito constrói para tentar se organizar, porém sem contar com as balizas oferecidas pelo Nome-do-Pai. Logo, se a presença do Nome-do-Pai orientando os caminhos da estruturação no sujeito neurótico tem suas conseqüências, quais seriam as implicações da constituição de um sujeito sem este recurso?

4.6 Os fenômenos da psicose à luz da teoria da forclusão

É na medida em que um termo pode ser recusado, que mantém a base do sistema das palavras numa certa distância ou dimensão relacional, que veremos

¹⁹ Falha ou fracasso da crença.

²⁰ Freud dedicou o seu texto “Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna” (1908) ao desenvolvimento do argumento de que as repressões à satisfação que a vida em civilização exige poderiam ser consideradas uma causa para o aumento da doença nervosa em seu tempo. Isso nos serve por elucidar que a neurose experimentará as suas agruras que a vida na linguagem inclui.

desenvolver-se toda a psicologia do psicótico – falta alguma coisa, em direção a que tende desesperadamente seu verdadeiro esforço de suprimento, de significantização.

Lacan, [1959-60]: 85

O caminho do sujeito sem o recurso do Nome-do-Pai pode assumir formas diversas, dentre elas citaria a esquizofrenia, a melancolia e a paranoia, mas na atual dissertação o nosso foco recairá sobre os traços paranóides por serem uma solução mais conhecida e mais amplamente estudada por Lacan, enquanto que nas outras formas clínicas da psicose ainda ensaiamos os primeiros passos. Além disso, a estrutura da psicose que Lacan ([1959-60]: 164), a partir de Freud, aproxima da ciência é a paranoia, enquanto que a esquizofrenia se manteria na reiteração da dialética instituída pelo vazio (Id., 1954: 394). Mas vale deixar registrado que a solução fabricada pelo paranóico não é a única possível dentro da psicose e talvez não seja a mais usual.

Na discussão do caso Schreber, Lacan [1955-56] aponta com Freud (1911) que o delírio funcionou como via de reparação metafórica, fazendo as vezes da metáfora paterna que não se inscreveu, operando como uma solução sob a designação “mulher de Deus”. Na falta do Nome-do-Pai para manter o vazio, o delírio de Schreber serve como ilustração de uma possibilidade de obra delirante que permite que o sujeito reate a sua relação com o mundo. Temos aqui um encaminhamento possível que entra em ação onde o processo metafórico operado pelo pai falta, um trabalho artesanal de confecção de uma verdade sobre si que o Nome-do-Pai traria consigo (Lacan, [1975-76]: 23). Porém essa produção da sua verdade própria fabrica uma verdade sem brechas, de cunho imaginário, diferente da verdade no horizonte confeccionada pelo pai (Id., 1958: 584)

Outras conseqüências da forclusão do Nome-do-Pai podem ser encontradas ao longo de “O seminário – Livro 3”, principalmente quando Lacan evoca Clerambault para versar sobre os fenômenos elementares da psicose tratando-os como mais do que elementos psicopatológicos e lhes conferindo o devido estatuto de fenômenos de linguagem. Lacan inventa a título de exemplo uma situação na qual um psicótico encontra um carro vermelho na rua e pensa que este carro não pode estar ali por acaso: não pode ser sem razão o carro estar ali, naquele lugar, naquele momento. Essa intuição delirante impõe ao sujeito que esse carro tem uma significação (Lacan, [1955-56]: 18). Há aí uma falha da percepção? Para Lacan (Ibid.: 30) “temos então um sujeito para quem o mundo começou a ganhar significação”.

Se a linguagem por sua estrutura impede o acesso à significação e se esperamos que todo elemento esteja em relação a outro, os fenômenos da psicose como o neologismo e a intuição delirante evidenciam um caminho em direção para a significação, isto é, para um elemento que não esteja vinculado a outra significação, mas que consista em si mesmo. Eles estancam a significação e enrijecem a estrutura discursiva do sujeito que, como pensamos na neurose, seria maleável.

Podemos pensar que esta generalização da significação nos fenômenos da psicose trata da remoção de um impossível da linguagem ao juntar significante e significado - manobra que a estrutura psicótica possibilita, tornando tudo signo (Lacan, [1955-56]: 17). Se o Nome-do-Pai confere bordas ao furo, se ele é a localização de um impossível, o caminho para a suplência da falta deste na psicose é em direção à improvisação de um limite (Vieira, 2008b: 96). Improvisação aqui se refere à construção de um limite sem as balizas do Pai.

Vale discernir que dizer que as soluções na psicose caminham no sentido da eliminação do impossível não significa que ela seja plenamente bem-sucedida nisso, ou seja, de que esse impossível deixe de existir na psicose. Na verdade isso implica que este furo, por não vir “à luz do simbólico aparece no real” (Lacan, 1954: 390), como pudemos ver no começo deste capítulo.